

人民

Povo

Quando escrevo esta palavra penso sempre que a escrevi mal, ou que o que escrevi não se parece com “povo”. Fecho os olhos e descanso um pouco. Voltando a abri-los sinto que está mais parecido com o que queria escrever. Volto a fechar e a abrir os olhos e finalmente confirmo que não errei ao escrever. É assim esta palavra — simultaneamente estranha e familiar.

Não sei se existirá no chinês atual outra palavra nesta estranha condição: está presente em toda a parte mas não é vista por ninguém. Na China de hoje, apenas os políticos trazem “povo” na boca. O povo propriamente dito raramente a menciona, pode dizer-se que a está a esquecer. É apenas graças à saliva dos dirigentes políticos que esta palavra ainda nos dá conta da sua existência.

No passado, esta palavra foi a mais ilustre de todo o nosso vocabulário. O nosso país foi batizado de “República Popular da China”; Mao Zedong apelou a “servir o povo”; o mais importante jornal da época era o *Diário do Povo*; nós, os membros do povo, repetíamos diariamente: “Desde 1949, o povo é quem manda.”

Durante a minha infância, “povo” era uma palavra tão extraordinária como “Mao Zedong”. Quando comecei a compreender caracteres, foram estas as duas primeiras palavras que conheci, e só depois aprendi a escrever o meu nome e o dos meus pais. Em criança, a certa altura cheguei a esta conclusão: “O povo é Mao Zedong, Mao Zedong é o povo.”

Vivia-se então a grande Revolução Cultural. De forma triunfal, anunciei por todo o lado esta minha invenção, e deparei-me com

muitas expressões de dúvida, como se achassem que a minha criação ainda aguardava aprovação oficial, mas ninguém se opôs de forma aberta. Naquele tempo as pessoas eram extremamente cautelosas, pois uma frase errada era o suficiente para se ser considerado contrarrevolucionário e assim trazer a desgraça a toda a família. Os meus pais também ficaram com a mesma expressão de insegurança quando ouviram a minha descoberta. Olharam-me com uma expressão séria e, de forma um pouco indireta, indicaram: “Essa frase não parece incorreta, mas é melhor que não a repitas.”

Esta foi a criação mais importante da minha infância, era impossível não a dizer, e mantinha-a pendurada no canto da boca. Um dia encontrei uma prova onde basear a minha ideia. Na altura era muito popular dizer “Mao Zedong está nos nossos corações”. Desenvolvi a minha frase e afirmei: “No coração de todo o povo está Mao Zedong, o que está então no coração de Mao Zedong? Está todo o povo.” Portanto, “o povo é Mao Zedong, Mao Zedong é o povo”.

As expressões de dúvida na minha vila foram desaparecendo. Algumas pessoas começaram a acenar com a cabeça em sinal de aprovação, e outras passaram mesmo a repetir a minha frase. Primeiro foram os meus amigos, depois seguiram-se os adultos.

A minha frase foi crescendo de popularidade até que, a certa altura, muita gente dizia “o povo é Mao Zedong, Mao Zedong é o povo”. Apercebi-me então do perigo iminente, pois na época revolucionária não existiam patentes e compreendi que a minha identidade como criador da frase estava rapidamente a desvanecer. Declarava por todo o lado: “Eu fui o primeiro a dizer esta frase”, mas ninguém queria saber disso. Por fim, nem mesmo os meus amigos mais próximos admitiam que era criação minha. Encaravam a minha excitada argumentação e o meu patético imploro com um abanar de cabeça e diziam: “Toda a gente diz isso.”

Comecei a sentir-me triste e arrependido. Arrependia-me de ter anunciado ao mundo a minha invenção, achava que a deveria ter guardado em segredo para sempre no meu coração sem deixar que alguém a conhecesse. Dessa forma, poderia tê-la só para mim para a apreciar toda a vida.

Nos últimos anos o Ocidente surpreendeu-se com as gigantescas mudanças que se verificaram neste país. Na China, a história funciona como as “faces cambiantes” da ópera de Sichuan. Em curtos trinta anos, a China dominada pela política tornou-se subitamente a China que venera o dinheiro.

As grandes viragens históricas são sempre marcadas por um acontecimento emblemático, e foi assim com os eventos de Tiananmen em 1989. Os estudantes universitários de Pequim marcharam a partir das suas escolas para se concentrarem na praça de Tiananmen, exigindo democracia e liberdade e denunciando a corrupção dos políticos. A recusa inflexível do Governo em manter qualquer diálogo com os estudantes levou a que alguns deles iniciassem uma greve de fome, e a população de Pequim manifestou nas ruas da cidade o seu apoio aos estudantes. Na altura, as pessoas não tinham grande interesse pelas ideias de democracia e liberdade. O que realmente empolgava a população a participar em massa no movimento era a denúncia da corrupção. A política de reforma e abertura lançada por Deng Xiaoping entrava então no décimo primeiro ano e, apesar de as reformas terem provocado subidas nos preços, a economia mantinha um crescimento estável e o nível de vida das pessoas estava a melhorar. Os camponeses estavam a beneficiar com este processo e os massivos encerramentos de fábricas dos anos 90 ainda não tinham acontecido. Os operários ainda não se tinham tornado nas grandes vítimas da mudança. As contradições sociais da época não eram de todo severas. Em nada semelhante à atual situação de fúria social generalizada, naquele momento existia apenas algum ressentimento pela forma como alguns filhos de altos dirigentes enriqueciam à custa dos recursos públicos, e esta insatisfação fez com que muitas pessoas se juntassem neste protesto. Refletindo agora sobre estes acontecimentos, em comparação com a corrupção em larga escala dos dias de hoje, os poucos casos de corrupção política daquela época parecem quase insignificantes. Depois de 1990, a velocidade do crescimento da corrupção na China é tão impressionante como a do crescimento económico.

Este movimento popular iniciado na capital, que se espalhou como um fogo incontrolável por toda a China, foi rapidamente silenciado ao som das balas na madrugada de 4 de junho. Em outubro desse ano

regressei à Universidade de Pequim e tudo tinha mudado radicalmente. Depois de escurecer surgiam alguns casais de namorados junto ao lago, e nos dormitórios dos estudantes ouvia-se apenas o som de *mahjong* ou de alguém a praticar inglês. Apenas um verão tinha passado mas tudo estava diferente, como se naquela primavera nada tivesse acontecido. Esta enorme disparidade parecia indicar um facto: Tiananmen foi uma explosão concentrada da febre política dos chineses, ou, dito de outra forma, simbolizou a libertação da febre política acumulada desde a Revolução Cultural. A febre pelo dinheiro veio em seguida substituir a febre pela política. Sendo a época em que toda a gente se preocupava apenas em ganhar dinheiro, a prosperidade económica dos anos 90 surgiu com naturalidade.

Em seguida, todo um novo vocabulário irrompeu na sociedade. Termos como cibernauta, acionista, investidor, fã, operário desempregado ou trabalhador rural migrante desmembravam progressivamente “povo”, uma palavra já em processo de desvanecimento. No período da Revolução Cultural, a definição de povo era muito simples: “Operários, camponeses, soldados, estudantes e comerciantes.” Aqui, “comerciantes” não significava homens de negócios, mas sim as pessoas que trabalhavam no setor do comércio, como um trabalhador de balcão de uma loja. Parece-me que o desenlace dos acontecimentos de 1989 fez com que se redesenhassem as linhas de demarcação de “povo”, ou que “povo” tenha passado por um processo de reforma estrutural em que o seu sentido original foi substituído por um novo.

Ao longo dos mais de quarenta anos que passaram desde a Revolução Cultural, a palavra “povo” foi perdendo qualquer significado na realidade social chinesa. Usando jargão atual, “povo” é como uma empresa-fantasma — utiliza-se em diferentes momentos para colocar diferentes produtos no mercado.

Na primavera de 1989 Pequim era um paraíso anarquista. A polícia desapareceu subitamente, tendo as tarefas de vigilância sido assumidas pelos estudantes e cidadãos. Acho que esta Pequim nunca irá reaparecer. Objetivos e aspirações comuns fazem com que uma cidade sem polícia funcione de forma absolutamente ordeira. Bastava caminhar pela rua para se sentir na face o calor da cordialidade e

da amizade. Não era preciso pagar bilhete para andar de metro ou autocarro, as pessoas sorriam umas para as outras, parecia que não havia desconhecidos. Não se via discussões na rua. Os habitualmente avarentos vendedores de rua distribuíam gratuitamente comida e água aos manifestantes. Muitos reformados levantavam as suas magras poupanças do banco para dar apoio aos estudantes em greve de fome. Apareceu até um comunicado, assinado pela “Associação dos Ladrões”, onde se lia: “Em apoio aos estudantes, suspendemos todas as atividades de roubo e furto.” Pode dizer-se que, naqueles tempos, Pequim era a cidade da fraternidade.

Quem vive numa cidade chinesa é frequentemente assaltado por uma sensação forte: há muita gente. No entanto, só quem passou pela experiência das massivas manifestações de Tiananmen sentiu na pele que a China é o país com a maior população do mundo. Todos os dias estavam montanhas e mares de gente na praça. Alguns estudantes vindos de fora de Pequim discursavam nas ruas ou nos cantos da praça até ficarem sem voz. Quem os ouvia eram homens e mulheres, velhos e novos. Desde idosos marcados por uma vida dura até mães com crianças ao colo, todos olhavam com respeito para as caras e palavras um pouco ingénuas dos estudantes, e repetidamente acenavam com a cabeça e aplaudiam com energia.

Assistiu-se também a momentos cómicos. Uma tarde fui a uma sala escura na Associação de Ciências Sociais da China para participar num encontro da Federação de Intelectuais da Capital. Enquanto esperávamos por Yan Jiaqi, um académico do círculo próximo de Zhao Ziyang, reparei que algumas pessoas estavam a criticar o vice-diretor de um jornal que tinha acabado de publicar um comunicado em nome da federação. A insatisfação daquelas pessoas prendia-se com o facto de os seus nomes estarem muito no fundo da lista de assinaturas, sendo que apareciam mais acima algumas personalidades cuja reputação era inferior às suas. Queixavam-se: “Porque puseram à nossa frente nomes cujo prestígio é incomparável ao nosso?” O desgraçado do vice-diretor tentava reiteradamente explicar que não tinha sido responsabilidade do jornal, chegando mesmo a apresentar desculpas pelo sucedido, mas os queixosos continuavam insatisfeitos. Esta farsa terminou apenas com a chegada de Yan Jiaqi.